

## A guerra na Ucrânia e a ordem do pós-pós-Guerra Fria

*Os novos parâmetros da política de segurança e defesa alemã irão contribuir para alterar o equilíbrio entre as potências europeias, nomeadamente entre a França e a Alemanha, que se tornará a principal potência militar na Europa.*

Patricia Daehnhardt | *Público* | 22 de Março de 2022

A ofensiva militar da Rússia à Ucrânia, desde 24 de Fevereiro de 2022, trouxe de volta ao continente europeu a guerra em larga escala e terminou as três décadas do pós-Guerra Fria de estabilidade da ordem de segurança euro-atlântica. A agressão russa alterou radicalmente este quadro de análise, com o início do pós-pós-Guerra Fria, marcado por uma guerra quente provavelmente prolongada, uma escalada de violência sem precedentes, a violação do direito humanitário e a implosão do andaime jurídico sustentado pela Ata Final de Helsínquia de 1975, a Carta de Paris de 1990, o Memorando de Budapeste de 1994 e o Ato Fundador NATO-Rússia de 1997. A destruição deste andaime pelo revisionismo militarizado do Presidente Vladimir Putin, que desvinculou a Rússia do espaço euro-atlântico, é feito à custa de milhões de vítimas inocentes e um movimento não visto desde a Segunda Guerra Mundial de mais de três milhões e meio de refugiados ao fim de apenas um mês.

Contra as expectativas, a União Europeia reagiu depressa e unida, tanto no fornecimento de ajuda humanitária, económica e militar à Ucrânia, como na aplicação de quatro pacotes de sanções sem precedentes à Rússia. A NATO demonstrou união transatlântica ao condenar a agressão, e ao reforçar a capacidade de defesa dos Estados bálticos, Roménia, Eslováquia e Polónia, e vários Estados-membros têm apoiado a Ucrânia bilateralmente através do envio de armamento e financiamento militar. Mas apesar do apoio à liderança do Presidente Volodimir Zelenskii, a não aplicação de uma zona de exclusão aérea pela NATO, por a Ucrânia não ser um Estado membro da Aliança, e a ambiguidade da União Europeia sobre a potencial adesão da Ucrânia à União, considerando o país 'parte da família europeia' sem lhe oferecer uma perspetiva concreta, mostram a dificuldade em alcançar um consenso em questões concretas.

Neste contexto, a ordem europeia do pós-pós-Guerra Fria que está a emergir vai alterar o equilíbrio entre os Estados europeus. A Alemanha já iniciou a mudança da sua política de segurança e defesa e tal pressionará outros Estados a mudanças semelhantes. Numa sessão extraordinária no Bundestag, três dias após o início da invasão russa, o Chanceler Olaf Scholz anunciou uma Zeitenwende, uma viragem histórica na política de defesa para 'defender uma Europa livre e aberta, justa e pacífica' e responder ao 'ataque injustificável a um país independente, à ordem de paz na Europa e no mundo' através do envio de equipamento e armamento militar alemão para a Ucrânia, pondo assim fim à política restritiva quanto ao envio de armamento defensivo para regiões em conflito.

Reconhecendo o fim da ordem de paz na Europa, Scholz indicou que a Alemanha irá investir a partir de agora mais de 2% do produto interno bruto na defesa, um aumento

considerável dos cerca de 1,5% do PIB gastos anualmente até agora, de cerca de 48 mil milhões de euros. Adicionalmente, Scholz anunciou a criação de um fundo especial com um montante único de 100 mil milhões de euros para projetos de armamento e a modernização da *Bundeswehr*. Na NATO, a Alemanha reforçou o número de tropas alemãs na Lituânia, alargou a participação na missão de policiamento aéreo na Roménia, e irá integrar a nova unidade da NATO que se está a constituir na Eslováquia.

Na política externa, a Alemanha reconheceu o fracasso da tradicional política do *Wandel durch Handel* (transformação através do comércio), do papel da Alemanha como interlocutora entre o ocidente e a Rússia e da inclusão da Rússia como parceiro imprescindível na construção da ordem de segurança euro-atlântica. A nova postura será refletida também na política energética, onde o governo irá reduzir a excessiva dependência alemã das importações energéticas russas através da diversificação de fontes de fornecimento, do aumento do volume de armazenamento de gás natural e da construção de dois terminais de gás natural liquefeito. Contudo, a recusa do governo de aplicar um embargo ao gás e petróleo russos foi duramente criticada pelo Presidente Volodimir Zelenskii quando discursou perante o Bundestag na passada quinta-feira, num discurso marcado pela ausência de resposta por parte do Chanceler e os deputados alemães.

Estes novos parâmetros da política de segurança e defesa alemã irão contribuir para alterar o equilíbrio entre as potências europeias, nomeadamente entre a França e a Alemanha, que se tornará a principal potência militar na Europa. A nova ordem será marcada pelo aumento das despesas militares em todos os países membros da Aliança Atlântica, ao mesmo tempo que todos queiram assegurar a contínua proteção do guarda-chuva nuclear dos Estados Unidos, numa altura em que estes reúnem cada vez menos condições de serem o ‘pacificador da Europa’ pela sua política de contenção da China. A aprovação, ontem, da Bússola Estratégica da UE, o novo documento de orientação estratégica, é um contributo importante que reforça a intenção de tornar a União Europeia um ator internacional de segurança, compromete os Estados-membros ao aumento substancial das suas despesas de defesa e define medidas concretas, como por exemplo, a criação de uma força de intervenção rápida, até 2025, ao mesmo tempo que a União reconhece a NATO como ‘fundamento de defesa coletiva dos seus membros’.

Mas o contexto de segurança europeia é agora radicalmente diferente, tanto pela potencial renacionalização das políticas de defesa como pelos complexos debates que emergirão sobre a remilitarização na Europa, incluindo sobre armamento nuclear, e a contenção e dissuasão de futuras agressões. Perante este novo quadro, os países europeus terão de sair da sua zona de conforto no domínio da defesa, e garantir que têm o apoio das opiniões públicas - a longo prazo, e não apenas no início - e com robustez e resiliência, na construção da nova ordem de segurança e defesa europeia do pós-pós Guerra Fria que será mais confrontacional, mais disruptiva e menos pacífica.

<https://www.publico.pt/2022/03/22/mundo/opiniao/guerra-ucrania-ordem-posposguerra-fria-1999612>